

COMO SE ESTIVESSEM EM CASA

Pesquisa inédita sobre os asilos brasileiros mostra que, ao contrário do que diz o senso comum, essas instituições podem melhorar a qualidade de vida dos idosos, independentemente da classe social

Por Solange Azevedo Fotos Frederic Jean/AG. ISTOÉ

Todas as tardes, desde a primavera de 1992, a advogada Rozária Padilha Nageo caminha 300 metros até a residência da mãe. Rozária, 70 anos, mora no quarto andar de um edifício de classe média na zona sul de São Paulo. Venerdim Maria Padilha, 94, é uma das habitantes mais antigas de A Mão Branca - um asilo fundado na década de 40 por senhoras de origem sírio-libanesa. A expressão árabe que dá nome à morada significa "a mão pura que se estende aos necessitados". "Foi uma decisão muito difícil. Eu ficava no terraço do meu apartamento, chorando, olhando para A Mão Branca. Queria mamãe comigo, mas achei que aqui ela estaria melhor", conta. "Venho todos os dias há quase 18 anos. Quando tenho de me ausentar, uma prima vem no meu lugar. Mamãe nunca ficou um dia sem visita." O zelo de Rozária é a evidência de que asilo não é sinônimo de abandono. Venerdim vive as sequelas de três acidentes vasculares cerebrais, não anda e balbucia frases curtas - como "Vem aqui", "Quero café" - em raras ocasiões. Mãe e filha dialogam com o olhar.

Dilemas como os de Rozária têm se tornado cada vez mais corriqueiros no Brasil. "O envelhecimento da população e o aumento da longevidade de pessoas com capacidades física, cognitiva e mental reduzidas requerem que os asilos deixem de fazer parte apenas da rede de assistência social e integrem as redes de assistência à saúde e à habitação", afirma a economista Ana Amélia Camarano, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). "Essas instituições serão cada vez mais necessárias e devem ser encaradas como residências coleti-

vas." Ana Amélia coordenou a primeira pesquisa nacional sobre as condições de vida e a infraestrutura dos asilos no Brasil. Os últimos dados do estudo ainda estão sendo analisados, mas **as primeiras conclusões, obtidas com exclusividade por ISTOÉ, dão alento aos que antes viam os asilos como mero depósito de idosos.** Após localizarem e verificarem como são tratados 79.459 brasileiros com mais de 60 anos (cerca de 0,5% do total do País) em 3.548 instituições (6,9% públicas ou mistas, 68,4% filantrópicas e 24,7% privadas), os pesquisadores do Ipea ava-

Foto

**ENVELHECIMENTO
EM 1950, O BRASIL
ERA O 16º PAÍS
EM NÚMERO
DE IDOSOS; EM
2025 SERÁ O 6º**

Foto

liaram que, ao contrário do que diz o senso comum, viver num asilo pode melhorar a qualidade de vida do idoso - independentemente da classe social. "Os asilos carregam um estigma injustificado", constata a economista.

O universo estudado é amplo e diverso, tanto no que se refere às instituições como no perfil dos seus clientes. Mesmo nos locais mais simples, aqueles que lá habitam podem encontrar benefícios de que não dispunham quando viviam fora deles. Para os cidadãos de baixa renda, estar em um asilo pode significar ter

acesso a atendimento médico e a outros cuidados com a saúde que eles não conseguiriam do lado de fora. Para os de poder aquisitivo mais elevado, pode representar o resgate do convívio social, já que, em geral, eles vão para o asilo ao perder a autonomia e a capacidade de gerir a própria vida. Numa instituição destinada a pessoas de sua idade, têm a oportunidade de conviver com outras com interesses semelhantes e de participar de atividades em conjunto.

Veridiana de Oliveira Taddeo, 94 anos, vive na Mão Branca desde o início de 2009. Logo que chegou, despertou a atenção de um senhor alto e simpático. "Achei ela bonita, inteligente", revela José Chaim, 86. "Bonita, eu? Com tanta moça mais jovem por aí", surpreende-se Veridiana. Ela conta que decidiu ir para o asilo depois de cair dentro

Foto

de casa e machucar a espinha. Durante meses, só podia se locomover com o auxílio de um andador. Veridiana já conhecia o asilo. O marido dela, falecido há uma década, morou lá. "Às vezes sou feliz, às vezes não. Às vezes, tenho vontade de ir embora. Mas tem o Chaim. Todo mundo diz que somos o 'Casal 20' da Mão Branca", afirma. No mês passado, os dois saíram para comemorar o aniversário de Veridiana. Passaram a tarde no shopping com uma das filhas dela. Almoçaram, fizeram compras. Enquanto se preparavam para viajar a Serra Negra, no interior paulista, os amigos do asilo brincavam: "Agora dona Veridiana vai ter lua de mel."

A adaptação ao asilo, segundo o estudo do Ipea, é bastante influenciada pela expectativa que o idoso tinha de ser ou não cuidado por parentes. Há os que foram parar lá por decisão arbitrária da família. Outros que escolheram viver em asilo por achar que teriam mais liberdade do que na casa de parentes ou por se considerarem um peso para os filhos. **Para a pesquisadora Ana Amélia, um dos grandes objetivos de seu trabalho é tentar desmistificar a imagem desse tipo de instituição, tão idealizada no imaginário da população quanto a própria família** - esta é sinônimo de proteção; a outra, de abandono. "Na verdade, ambas são espaços de conflito e disputa de poder, abrigam e retiram indivíduos da sociedade", afirma. A Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia trabalha no mesmo sentido, sugerindo até uma mudança na nomenclatura das casas que abrigam velhinhos, com o uso da expressão "Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI)", uma adaptação do termo empregado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Mas elas mesmas ainda não aderiram e se auto-denominam de maneiras diversas - casa de repouso, asilo, lar, abrigo. Não existe padrão.

Parte da imagem de "antecâmara da morte" vinculada aos asilos foi construída em décadas passadas, quando eles abrigavam pessoas abandonadas ou não desejadas pela sociedade - loucos, crianças, moradores de rua, prostitutas, velhos. Todos juntos. A má fama é reforçada de tempos em tempos, quando denúncias de maus-tratos são divulgadas na mídia. Quem não se lembra da clínica carioca onde mais de 100 velhinhos morreram depois de beber água contaminada? O escân-

dalo ocorreu há 14 anos, mas continua vivo na memória nacional. "Dez ou 15 anos atrás, os idosos que iam para os asilos sabiam que estavam no fim. Hoje, com o aumento da longevidade, esses locais têm de ser agradáveis para se viver", diz o médico Renato Veras, diretor da Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

A discussão é, de fato, cada vez mais relevante. Pela primeira vez na história, a faixa etária que mais cresce no País é a dos cidadãos de 60 anos ou mais. Trata-se de um batalhão composto por cerca de 20 milhões de pessoas de perfil heterogêneo - com expectativas, desejos e necessidades diferentes. Esse grupo é tão elástico e variado que reúne uma porção de integrantes com mais de 90 anos, lúcidos e autônomos. E outros, na casa



Foto

dos 60, completamente dependentes. Essa nova dinâmica demográfica, repleta de nuances, exigirá que o governo brasileiro e o setor privado invistam em formas alternativas de moradia para a terceira idade. E que a população debata abertamente - e sem preconceitos - o destino dos velhos. Qual é a saída mais adequada quando a família não dá conta de cuidar sozinha de seu idoso? E quando o idoso não tem família ou não construiu relações sólidas no decorrer da vida?

O envelhecimento é uma das maiores conquistas da humanidade e como tal deve ser tratado. O crescimento da proporção de idosos é resultado da combinação de dois fatores: queda da fecundidade e ampliação da longevidade. **Somente nos últimos 30 anos, a expectativa de vida aumentou, em média, 10 anos no Brasil.** E a quantidade de filhos por mulher caiu pela

metade - hoje é de 1,8 filho. Em 1950, o País era o 16º do mundo em número de velhos. As projeções indicam que, até 2025, será o sexto. Por volta de 2035, haverá mais idosos do que crianças e adolescentes. O processo de envelhecimento está mais avançado nos países ricos, mas tem se dado de forma mais acelerada nos territórios em desenvolvimento. Enquanto a França demorou 115 anos e a Bélgica levou um século para dobrar a proporção de velhos, o Brasil passará por fenômeno semelhante em duas décadas. Para cada grupo de 100 brasileiros, há dez com 60 anos ou mais atualmente.

Haverá 19 em 2030 e 30 em 2050. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 25% das famílias já têm um idoso em casa.

Histórias felizes vividas em instituições têm sido ouvidas com mais frequência e mostram, assim como os números, o surgimento de um novo cenário para os mais velhos. Maria Heloísa Gonzaga Assumpção, 63 anos, vive no Solar Ville Garaude, um hotel cinco-estrelas destinado a pessoas da terceira idade, em Barueri, na Grande São Paulo. "O meu filho e minha nora são maravilhosos. Queriam que eu fosse morar com eles, mas acho que um casal tem de ter privacidade", diz Maria Heloísa. No Solar Ville, os idosos têm atividades como hidroginástica, ginástica laboral, cinema e coral. Uma equipe de enfermagem fica disponível 24 horas por dia. "É um erro achar que todos os velhos querem morar com a família e que essa é sempre a melhor opção", afirma a antropóloga

**PRECONCEITO
PARA
PESQUISADORA
ASILOS TÊM
ESTIGMA
INJUSTIFICADO**



Fonte: IBGE

CRESCIMENTO VERTIGINOSO

A proporção de idosos aumenta ano a ano no Brasil

Em 2010



Em 2050



Guita Debert, professora da Universidade Estadual de Campinas. Na área central de São Paulo, a prefeitura construiu uma vila só para idosos. São 145 apartamentos. Os moradores podem entrar e sair à hora que quiserem. Levam uma vida normal. Em Avaré, no interior do Estado, o governo ergueu uma vila chamada Dignidade, também voltada para os que têm mais de 60 anos. Nos dois casos, porém, os projetos são para idosos independentes.

Embora a legislação defina que a família é a principal responsável pelos idosos dependentes, a realidade revela que o Estado terá de ajudar nessa tarefa. Segundo a OMS, mais de 2,3 milhões de idosos brasileiros têm sérias dificuldades para realizar atividades básicas da vida diária - como se alimentar, tomar banho e ir ao banheiro. Isso significa que, de cada 100 pessoas nessa faixa etária, 11 precisam ser cuidadas. Se a projeção da OMS se confirmar, em 2030, cinco milhões precisarão de auxílio permanente. O dilema é que, à medida que mais brasileiros chegam à terceira idade - com maior probabilidade, portanto, de desenvolver doenças típicas da velhice, como Alzheimer e Parkinson -, o número de potenciais cuidadores diminui. Isso porque, na sociedade moderna, as famílias têm menos filhos e a mulher - historicamente incumbida de cuidar das crianças, do marido quando ele

Quem não pode pagar por um asilo privado, em geral, é atendido pelo serviço público.

Os países desenvolvidos lidam melhor com esse assunto porque envelheceram antes do Brasil e seus sucessivos governos assumiram a responsabilidade pela população idosa. Os alemães pagam uma espécie de "seguro asilo" para ter uma vaga garantida quando precisarem. Os ingleses podem contar com instituições públicas e modalidades alternativas de atendimento, dependendo da necessidade. **Na França, além de asilos públicos e privados, há um leque de serviços oferecidos pelo governo que inclui cuidadores e técnicos em enfermagem.** Se um idoso não tem condições, por exemplo, de limpar a casa ou lavar a roupa, paga uma pequena quantia para que um cuidador faça essas tarefas. Se não pode cozinhar, recebe uma quentinha pronta. Se precisa que um curativo seja trocado, tem o auxílio de um profissional. "Nada é de graça.

Foto

adoece e dos idosos - está inserida no mercado de trabalho. Os múltiplos casamentos e separações tornaram os laços afetivos mais frouxos. Numa relação de 30 anos, o compromisso de uma mulher cuidar do marido é um, numa de cinco anos o compromisso é outro.

"Não é por crueldade ou malvadeza que a família põe o seu idoso numa instituição. É muito sofrido e extenuante cuidar de uma pessoa dependente", afirma o médico Alexandre Kalache, consultor internacional e ex-diretor do Programa de Envelhecimento e Saúde da OMS. "O ser humano tem dificuldades de lidar com a velhice sem saúde. No Brasil, os idosos dependentes são estigmatizados e tratados como se não existissem", alega a gerontóloga Laura Machado, representante da Associação Internacional de Gerontologia e Geriatria na Organização das Nações Unidas. "Enquanto essa questão for empurrada para debaixo do tapete, o País não conseguirá se planejar para oferecer serviços dignos para essa parcela da população." Em muitos locais da Europa - como França, Alemanha e nos países escandinavos - os índices de coabitação entre jovens e velhos é baixíssimo.

**PARCERIA
CADA VEZ MAIS
AS FAMÍLIAS
BRASILEIRAS
VÃO PRECISAR
DE ASILOS**

Isso faz muito bem para a autoestima deles", diz a antropóloga Clarice Peixoto, professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O governo francês também tem estimulado os "jovens idosos" - aqueles que têm menos de 75 anos - a se envolverem nos cuidados e na socialização dos mais velhos.

Ao oferecer alternativas, o Estado desonera os cofres públicos, alivia a pressão sobre as famílias e adia - ou até evita - a entrada dos idosos nos asilos. Um tipo de serviço que deu certo no Exterior foi o dos centros-dia, locais em que os idosos permanecem apenas no período diurno. À noite, eles voltam para casa. "As famílias estão ficando doentes porque não encontram ajuda e não sabem lidar com os dependentes", diz Edelmar Ulrich, 57 anos, presidente da Associação dos Familiares e Amigos dos Idosos (Afai). A maior parte dos atendidos pela instituição, na zona sul de São Paulo, tem Alzheimer. "Esse lugar foi um achado. Minha

mãe tem pouquíssimos momentos de lucidez. Às vezes, pergunta quem sou eu", afirma Anna Maria de Campos Freire, 68 anos. Ela leva a mãe à Afai toda manhã, de segunda a sexta-feira, e passa à tarde para apanhá-la. Rachel, 89 anos, canta com o grupo, dança, faz alongamento. Sempre com um sorriso no rosto.

Rachel agora passou a dizer que vai se casar com Theodoro Haug, 81 anos, recém-chegado à instituição. Bertha, a mulher dele, não sente ciúme. "Theodoro está adorando vir para cá. Ficou mais calmo, tranquilo", diz Bertha, 75 anos. Nos últimos tempos, estava complicado segurá-lo em casa. Ele ficava constan-

temente nervoso e queria ir para a rua. "Às vezes, quando acordamos de manhã, ele pergunta quem sou eu e se sempre durmo naquela cama", conta Bertha. "É difícil cuidar dele nos fins de semana. Theodoro fica agitado, quer sair, mas eu ando meio doente. Ando muito cansada." A filosofia dos centros-dia é cuidar do idoso e dar um respiro para a família sem ter de afastá-lo da própria casa. "Eu vim do lapão quando era criança. Cantava tanto que a minha mãe me mandava calar a boca. Eu fazia muito barulho", diz Michiko Horita, 87 anos. Pouco antes de deixar a Afai, Michiko conta nos dedos. "Estou perto dos 90 anos. É. Não quero ficar caduca."



ENQUANTO ISSO... NO ASILO PÚBLICO

São 300 histórias de vida. O cotidiano do Abrigo do Cristo Redentor, asilo administrado pelo Estado do Rio de Janeiro, é o retrato 3x4 da velhice brasileira. Ali, o conforto não é como o de instituições privadas. Mesmo assim, os idosos vivem em melhores condições do que teriam do lado de fora. Há pessoas que escolhem morar no Cristo Redentor. Ou que estão lá por falta de opção. Pessoas que foram abandonadas ou que abandonaram a família. Uma delas é Luiz Carlos Cardoso, 74 anos. Ele chegou com a barba na altura do peito, braços e pernas atrofiados pela falta de movimentação. Estava em depressão. "A mentalidade do brasileiro é de que as pessoas vão para asilos porque estão nas últimas. Não é bem assim. Aqui me sinto protegido. É o meu lar", diz.

O Cristo Redentor é um exemplo de que o poder público precisará ampliar a oferta de vagas, modernizar as instalações e mudar seu conceito de asilo para atender à crescente demanda com o envelhecimento da população brasileira. Uma das questões é garantir a privacidade dos idosos – os banhos e os dormitórios nessas instituições, em geral, são coletivos. Araci Alves Martins, 72 anos, divide o quarto com duas companheiras. Com uma delas, não se dá. Outro ponto que precisa melhorar é a agenda de atividades físicas e culturais. Há pouquíssimo entretenimento. O militar da reserva Acelino do Valle, 85 anos, mesmo apoiado numa bengala, conserva a postura dos tempos de quartel. Ele passa horas em silêncio. Não gosta das oficinas de música, poesia e artesanato. "Quería o meu trabalho, mas aqui não tem", afirma.



PRIVACIDADE Araci, 72 anos, não se dá com companheira de quarto